

## **AS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE TEMAS AMBIENTAIS – UM EFETIVO EXERCÍCIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, SERÁ?<sup>1</sup>**

**Andrea Da Silva<sup>2</sup>, Claus Haetinger<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na Disciplina Cultura, Cidadania e Meio Ambiente, do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES, Lajeado/RS

<sup>2</sup> Doutoranda em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES, Lajeado/RS e Bolsista da Taxa PROSUP/CAPES. E-mail: silvandrea2005@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientador e Professor do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES, Lajeado/RS. E-mail: chaet@univates.br

### Introdução

A inserção de temas ambientais está cada vez mais presente nos canais de comunicação, como nos programas das estações de rádio, televisão; também na mídia, seja ela impressa por meio de jornais, folhetos, folders, informativos, revistas; ou ainda digitais, por intermédio da internet, seja por sites, blogs, fóruns de discussão, páginas de facebook, e em outros recursos tecnológicos.

A mídia apresenta um papel importante no que tange à abordagem de questões ambientais, pois ela possui o poder de socializar e democratizar as informações, em diferentes espaços e frentes de comunicação, porém há de se considerar a qualidade do conteúdo e o objetivo do que está sendo apresentado ao leitor.

O autor Milaré (2005, p.222), diz que as questões ambientais demandam respostas e “os cidadãos com acesso à informação têm melhores condições de atuar sobre a sociedade, de articular mais eficazmente desejos e ideias e de tomar parte nas decisões que lhes dizem respeito diariamente”.

A educomunicação ambiental possibilita a construção do sujeito e da sua relação com o meio ambiente. Há a necessidade que ela seja, construída, por meio de instruções, para perceber as relações entre a nossa vida e a vida do Planeta. Realizar o diálogo entre os saberes, como científica, popular, das organizações da sociedade, empresarial ecologicamente responsável, educativos e a comunicação midiática. (LIMA e MELO, 2008).

Ao aproximar o leitor do problema e compartilhar informações úteis que lhe permita ao caminho da ação, acredita-se que esteja educando através do conhecimento e da participação, passando de um indivíduo para um agente, tornando um cidadão atuante diante das circunstâncias que se apresentam.

Sob esse enfoque, o estudo desenvolvido busca compreender como vem acontecendo as experiências escolares de temática ambiental e refletir se as medidas e estratégias utilizadas estão de fato sendo eficazes ao ponto que levem não só à boa informação, mas que promovam uma educação

transformadora, que provoquem mudanças positivas de comportamento nas pessoas e elucidem práticas por uma melhor qualidade de vida e respeito ao meio ambiente.

### Metodologia

Para maior compreensão e atendimento aos objetivos do trabalho, procedeu-se uma reflexão em três artigos publicados em revistas científicas eletrônicas brasileiras, especificamente da área de Educação Ambiental, dos últimos dois anos, 2012 e 2013, que relatassem experiências de projetos desenvolvidos por Instituições de Ensino do Rio Grande do Sul.

### Resultados e Discussão

Para evitar constrangimentos e por questões éticas, não serão nomeadas as Instituições de Ensino, apenas serão informados alguns dados que não sejam comprometedores.

Dos artigos analisados, que descrevem sobre projetos em nome da educação ambiental, percebeu-se que são relatos de experiências vazias, momentâneas, competições incoerentes e descabidas. A intenção desse estudo é averiguar em cada caso, como está sendo trabalhado o conceito de educação ambiental, se há uma interdisciplinaridade, se a atividade proposta há uma interação com a comunidade, se há uma observação real das problemáticas ambientais e se aguça os alunos a pensar em como melhorar, propor alternativas para amenizar os malefícios constatados no meio ambiente, e se dão ao passo a frente de partir para uma ação concreta, como um programa de conscientização, procura ao poder público, intervenção com as pessoas que diretamente estão afetadas ou que provocam tal desagregação, ou ponto relevante dessa análise, é de averiguar se o projeto é ocasional ou permanente, pois por uma mudança significativa de uma situação deve haver continuidade de boas ações.

Iniciando a análise, o artigo publicado em 2013, relata um programa de reciclagem de materiais, desenvolvida por uma Escola Pública de Ensino Fundamental, porém o material fornecido para tal atividade é doado por uma empresa coletora de materiais sólidos, que em outras palavras, pode-se concluir que recebem lixo de terceiros, o que cabe, dentro dessa reflexão crítica, fazer algumas perguntas e que não há respostas no texto: A escola não produz seu próprio lixo? E o consumo e o descarte dos materiais escolares, o que são feitos com eles? E, para esses tipos de exercícios, há os que defendem que o produto descartado não deva se transformar em outro tipo de material, e sim retornar à fornecedora e ser tratado e reaproveitado, cumprido a sua original função de criação.

Outro exemplo, é do artigo publicado em 2012, que expõe uma análise coletiva oriunda de estudo acadêmico de uma Instituição Pública de Ensino Superior, que comentam acerca dos problemas socioambientais do Arroio Cadena, hoje, um arroio poluído, localizado no município de Santa Maria/RS, entre as coordenadas geográficas 29° 25 51,94" e 30° 00 18,67 de latitude sul e 54° 19' 32,41 e 53° 30' 43,59" de longitude oeste, que deságua no Arroio Picadinha, afluente do Rio Vacacaí. Nele encontram-se roedores, lixo, mau cheiro, população ribeirinha, bem como a falta de mata ciliar.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

Ao ler sobre o estudo desenvolvido não ficou claro – Se eles, alunos e professor, foram até o local? Ouviram a comunidade? Apresentaram alguma proposta ou sugestão ao poder público e as pessoas que residem próximo este arroio? Teve alguma intervenção por parte da Prefeitura Municipal no sentido de recuperar o arroio e fazer a devida limpeza? Argumentar de um local sem um mínimo de profundidade, só levantando pontos frágeis do meio, sem uma devida contrapartida que encaminhe para uma solução, fica uma educação ambiental muito frágil.

É possível também criticar algumas campanhas escolares, a exemplo do artigo publicado em 2013, que traz a experiência de uma Escola Pública de Ensino Médio, que recolhe óleo de cozinha. O propósito da tarefa era das turmas coletar uma grande quantidade, por um determinado período, que após o prazo estipulado a direção da escola iria divulgar qual a turma que conseguiu o maior volume de óleo residual, e como prêmio de tal êxito, uma viagem de passeio ao final do ano letivo.

No entanto, após a leitura, algumas indagações são feitas: Aonde são armazenadas essas grandes quantidades de material? É explicado ao aluno o processo de tratamento, processamento e aproveitamento do óleo e a quem cabe fazer todo esse mecanismo? Os pais estão cientes da importância e conhecimento de todo esse sistema? O recolhimento é apenas por alguns dias, não deveria ser constante? O óleo está sendo guardado em garrafas pets? Mas as garrafas pets não devem ter outro destino? Será que o empenho dos alunos não foi condicionado apenas para levar o prêmio?

Não se questiona a necessidade e importância de divulgar experiências e projetos bem sucedidos, ademais de educação ambiental, que tanto precisam ser anunciados para que as pessoas tenham conhecimento, aprendizado e possam adotar no seu cotidiano boas práticas, com base de relatos exitosos. Porém, foi possível nestes poucos artigos lidos, e mesmo de nível de ensino diferentes, certificar a carência de informações, e de até aparecerem algumas distorções, em nome de educação ambiental, faltando em cada material o teor educativo, didático e coerente.

Logicamente, não se quer dizer que não exista bons trabalhos e experiências efetivas e interessantes sendo executadas no meio escolar, e que de fato estão levando para uma conscientização ambiental, com resultados concretos; o que está buscando chamar atenção é de estar sendo divulgados programas/projetos escolares incoerentes, que fogem do real propósito e não atingi os efeitos esperados.

Esses casos aqui debatidos são relatos não muito bons que encontram-se junto a tantos outros trabalhos de boa qualidade num mesmo periódico, o que poderá levar o leitor a se confundir e se enganar, caso tenha a intenção de aplicar atividade em sua Instituição, sem se dar conta do leve engano.

### Conclusões

Muitos outros contrastes poderiam ser mencionados no quesito de programas e projetos ditos de educação ambiental. Outro item a ser pontuado é que em geral, o que se percebe é uma divulgação em massa de problemas ambientais, consequências já consumadas que em muitos casos são

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

irreversíveis, devendo, portanto, haver uma ação contrária, ou seja, mais informações educativas, medidas preventivas/corretivas, evitando as degradações ambientais e de males futuros.

Pode-se dizer que a aprendizagem não se dá em torno de um único sentido, a fala, a visão, a escuta são muitos estímulos que devem ser incitados para se ter um significativo aprender ambiental. Neste cenário, as revistas eletrônicas, por exemplo, é uma poderosa fonte de informação que permite difundir metodologias e transmitir mensagens que desencadeiam em uma conscientização socioambiental e transformações na direção de melhorias no modo de viver e conviver com os demais.

Com isso, é relevante repensar e elevar a crítica de como estão sendo empreendidos projetos escolares de educação ambiental, necessitando fazer uma melhor triagem desses trabalhos para depois serem apresentados e compartilhados. Portanto, deve-se fortalecer seu caráter educativo, formativo, partilhando saberes, vivências, alternativas bem sucedidas, devendo operar pela sustentabilidade e qualidade de vida dos seres e do meio ambiente como um todo, dando visibilidade e reconhecimento de boas práticas socioambientais.

**Palavras-Chave:** Projetos Escolares, Interdisciplinaridade, Educação Ambiental.

#### Referências Bibliográficas

LIMA, Grácia Lopes; MELO, Teresa. Educomunicação e Meio Ambiente. Brasília: Educambiental, 2008. Disponível em: <<http://educambiental.wordpress.com/2008/09/08/educomunicacao-ambiental>> Acesso em: 20 abr. 2014.

MILARÉ, Édís. Direito do ambiente: doutrina, prática, jurisprudência, glossário. 4.ed. ver. atual. e ampl. São Paulo: RT, 2005.